

MIA COUTO

A Confissão da Leoa

6ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Mia Couto, Editorial Caminho SA, Lisboa

Edição apoiada pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas/ Secretário de Estado da Cultura



A editora manteve a grafia vigente em Moçambique, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa

Angelo Abu

Revisão

Carmen S. da Costa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Couto, Mia

A confissão da Leoa / Mia Couto. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2682-8

1. Ficção moçambicana (Português) I. Título.

12-10757

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura moçambicana em português 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Índice

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Explicação inicial | 7 |
| <i>Versão de Mariamar (1)</i> | |
| A notícia | 11 |
| <i>Diário do caçador (1)</i> | |
| O anúncio | 27 |
| <i>Versão de Mariamar (2)</i> | |
| O regresso do rio | 41 |
| <i>Diário do caçador (2)</i> | |
| A viagem | 61 |
| <i>Versão de Mariamar (3)</i> | |
| Uma ilegível memória | 79 |
| <i>Diário do caçador (3)</i> | |
| Uma longa e inacabada carta | 95 |
| <i>Versão de Mariamar (4)</i> | |
| A estrada cega | 117 |

| | |
|---|-----|
| <i>Diário do caçador</i> (4) | |
| Rituais e emboscadas | 137 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (5) | |
| Uns olhos de mel | 155 |
| <i>Diário do caçador</i> (5) | |
| O osso vivo da hiena morta | 165 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (6) | |
| Um rio sem mar | 181 |
| <i>Diário do caçador</i> (6) | |
| O reencontro | 193 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (7) | |
| A emboscada | 209 |
| <i>Diário do caçador</i> (7) | |
| O demónio santo | 223 |
| <i>Versão de Mariamar</i> (8) | |
| Sangue de fera, lágrima de mulher | 231 |
| <i>Diário do caçador</i> (8) | |
| Flores para os vivos | 243 |

Explicação inicial

Em 2008, a empresa em que trabalho enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospeção sísmica em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. Esse número cresceu para vinte em cerca de quatro meses.

Os nossos jovens colegas trabalhavam no mato, dormindo em tendas de campanha e circulando a pé entre as aldeias. Eles constituíam um alvo fácil para os felinos. Era urgente enviar caçadores que os protegessem. Essa urgência somava-se, é claro, à necessidade de proteção dos camponeses da região. Sugerimos à companhia petrolífera que tomasse em suas mãos a superação definitiva dessa ameaça: a liquidação dos leões comedores de pessoas. Dois caçadores experientes

foram contratados e deslocaram-se de Maputo para a Vila de Palma, povoação onde se centravam os ataques dos leões. Na vila eles recrutaram outros caçadores locais para se juntarem à operação. O número de vítimas mortais, entretanto, tinha subido para vinte e seis.

Os caçadores passaram por dois meses de frustração e terror, acudindo a diários pedidos de socorro até conseguirem matar os leões assassinos. Mas não foram apenas essas dificuldades que enfrentaram. De forma permanente lhes era sugerido que os verdadeiros culpados eram habitantes do mundo invisível, onde a espingarda e a bala perdem toda a eficácia. Aos poucos, os caçadores entenderam que os mistérios que enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta.

Vivi esta situação muito de perto. Frequentes visitas que fiz ao local onde decorria este drama sugeriram-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais.

Versão de Mariamar
(1)

A notícia

Bendito seja o leão que o homem comerá e o leão em humano se tornará; e maldito seja o homem que o leão comerá, e o leão se tornará humano.

Evangelho segundo Tomás

Deus já foi mulher. Antes de se exilar para longe da sua criação e quando ainda não se chamava Nungu, o atual Senhor do Universo parecia-se com todas as mães deste mundo. Nesse outro tempo, falávamos a mesma língua dos mares, da terra e dos céus. O meu avô diz que esse reinado há muito que morreu. Mas resta, algures dentro de nós, memória dessa época longínqua. Sobrevivem ilusões e certezas que, na nossa aldeia de Kulumani, são passadas de geração em geração. Todos sabemos, por exemplo, que o céu ainda não está acabado. São as mulheres que, desde há milénios, vão tecendo esse infinito véu. Quando os seus ventres se arredondam, uma porção de céu fica acrescentada. Ao inverso, quando perdem um filho, esse pedaço de firmamento volta a definhar.

Talvez por essa razão a minha mãe, Hanifa Assulua, não tenha parado de contemplar as nuvens durante o

enterro da sua filha mais velha. A minha irmã, Silência, foi a última vítima dos leões que, desde há algumas semanas, atormentam a nossa povoação.

Porque morreu desfigurada, deitaram o que lhe sobrava do corpo sobre o lado esquerdo, com a cabeça virada para o Nascente e os pés virados para Sul. Durante a cerimónia, a mãe parecia dançar: vezes sem conta ela se inclinou sobre um cântaro feito por suas próprias mãos. Aspergiu água sobre a terra em volta que, depois, calcou com ambos os pés, com o mesmo embalo de quem semeia.

No regresso do funeral, havia demasiado céu nos olhos da minha pobre mãe. O caminho até casa era apenas de uns passos: o cemitério familiar ficava nas cercanias da aldeia. Hanifa fez uma breve passagem pelo rio Lideia para os banhos purificadores, enquanto, mais atrás, eu apagava as pegadas que conduziam à sepultura.

— *Sacudam os pés, as poeiras gostam de viajar.*

No chão sagrado do nosso cemitério figurava mais uma cruz a mostrar que éramos distintos, entre muçulmanos e pagãos. Hoje eu sei: colocamos uma lápide sobre os mortos, não é por respeito. É por medo. Temos receio de que regressem. Esse medo, com o tempo, torna-se maior que a saudade.

Todos os familiares respeitaram o mando: o carreiro de regresso foi bem diverso do usado na ida. Todavia, a imagem pegajosa não arredava da minha cabeça: o corpo de Silência erguido em ombros, envolto em panos brancos que balançavam como asas quebradas.

Na soleira da nossa porta, a mãe olhou a casa como se a culpasse: tão viva, tão antiga, tão eterna. A nossa

casa diferia das demais palhotas. Era feita de cimento, com telhados de zinco, apetrechada de quartos, sala e cozinha interior. Sobre o chão espalhavam-se tapetes e nas janelas pendiam poeirentos cortinados. Nós também éramos diferentes dos demais habitantes de Kulumani. Sobretudo a minha mãe, Hanifa Assulua, era distinta, assimilada e filha de assimilados. No regresso do funeral reparei como era bela: mesmo com o cabelo rapado, em obediência ao luto, o seu rosto vencia a tristeza. Por um tempo, fitou-me como se avaliasse quanto eu lhe era preciosa. Pensei que havia maternal ternura nesse olhar. Não era assim. Outro sentimento lhe desenhara as palavras:

— *Não terás nunca que passar por tristezas de mãe.*

— *Por favor, mamã, acabei de perder a minha irmã*
— disse eu.

— *Não perderás nunca uma filha. Foi Deus que assim quis.*

E virou costas. Já descalça, venceu a porta e se afundou na cama. Pode-se enterrar uma filha, sim. Ela já o fizera antes. Mas não se regressa nunca dessa despedida. Ninguém pede mais a atenção de uma mãe que um filho morto.

Meu pai pediu, então, às mulheres do choro que se retirassem do nosso terreiro. Entrou na penumbra da casa e debruçou-se sobre a mulher para lhe perguntar:

— *Por que rapou o cabelo? Não somos cristãos?*

Hanifa encolheu os ombros. Naquele momento, ela não era coisa nenhuma. Findara o lamento das carpi-deiras e ela não sabia lidar com tão vasto silêncio.

— *E o que fazemos agora, ntwangu?*

Como todas as mulheres de Kulumani, chamava o marido por *ntwangu*. O homem chamava-se Genito Serafim Mpepe. Por razão de respeito, porém, a mulher nunca se dirigia a ele pelo nome. Éramos assimilados, sim, mas pertencíamos demasiado a Kulumani. Todo o nosso presente era feito de passado. Naquele momento, anichando-se junto dela, o marido falou-lhe com suavidade a que ela não estava habituada, cada palavra uma nuvem reparando os céus.

— *O que fazemos agora? Ora, agora... agora, vivemos, mulher.*

— *Eu já não sei viver, ntwangu.*

— *Ninguém sabe. Mas é isso que a nossa filha nos pede: que vivamos.*

— *Não me fale sobre o que a nossa filha pediu. Você nunca a escutou.*

— *Agora não! Agora não, mulher.*

— *Não entendeu a minha pergunta: o que fazemos com a parte da nossa filha que não enterrámos?*

— *Não quero falar disso. Vamos dormir.*

Ela soergueu-se, apoiada num cotovelo. Os olhos estavam rasgados como os de um afogado.

— *Mas a nossa Silência...*

— *Calada, mulher! Esqueceu que não podemos nunca mais pronunciar o nome da nossa filha?*

— *Eu preciso saber: que partes do corpo enterrámos?*

— *Já disse para se calar, mulher.*

Um tremor de folha na sua voz: meu pai brigava com infernos interiores. O ensanguentado saco contendo os restos da filha ainda pingava na sua memória. E, de novo, a inseparável lembrança o assaltou: o tropel de vozes

e espantos que o despertara na anterior madrugada. Genito Mpepe cruzara o pátio, adivinhando a tragédia. Momentos antes, ele tinha escutado os leões rondando a casa. De repente, rugidos, gritos e lamentos dissolveram-se no vazio, o mundo afundado aos pedaços: nada mais restava dentro dele. Para tanto esquecer é preciso não ter nunca vivido.

— *O coração?* — voltou a inquirir Hanifa.

— *Outra vez? Eu não disse que se calasse?*

— *Enterrámos o coração? Você sabe bem o que fazem com o coração...*

O meu pai respirou fundo, contemplou as velhas roupas penduradas no interior do telhado. Não se sentiu diverso daquele vestuário, tombando informe e sem alma no vazio. A voz regressou-lhe, já mansa:

— *Pense assim, mulher: não há cova para um filho.*

— *Não quero ouvir, vou sair.*

— *Sair?*

— *Vou buscar o que resta da nossa filha por aí pelo mato...*

— *Não vai. Daqui de casa você não sai.*

— *A mim ninguém me vai impedir.*

Sairia de casa, sim, andaria por onde já não há caminhos de gente, os seus pés sangrariam, queimar-se-iam os olhos de encontro ao Sol, mas iria buscar o que restava de Silêncio, a sua eterna menina. Barrando-lhe a passagem, o marido ameaçou:

— *Vou atá-la com uma corda, como se faz com os bichos.*

— *Pois me amarre. Há muito que sou um bicho. Há muito que você dorme com um bicho na sua cama...*

Era a pedra sobre o assunto: Hanifa enroscou os

braços nas pernas, em silêncio, como se quisesse render-se ao sono.

— *Vai dormir no chão?* — inquiriu Genito.

Ela estendeu o corpo no chão, a cabeça assente na pedra. A sua intenção era escutar as entranhas do mundo. As mulheres de Kulumani sabem segredos. Sabem, por exemplo, que dentro do ventre materno os bebês, a um dado momento, mudam de posição. Em todo o mundo, eles rodam sobre si próprios, obedecendo a uma única e telúrica voz. Acontece o mesmo com os mortos: numa mesma noite — e só pode suceder nessa noite — eles recebem ordem para se revirem no ventre da terra. É então que, à superfície das campas, emergem luzes, um revoltear de prateadas poeiras. Quem dorme com o ouvido de encontro ao chão escuta essa circunvolução dos defuntos. Por essa razão, que Genito desconhecia, Hanifa recusou leito e travesseiro. Estendida no solo, ficou escutando a terra. Não tardaria que a filha se fizesse sentir. Quem sabe até as gémeas Uminha e Igualita, as antigas falecidas, lhe entregassem recados do outro lado do mundo?

O marido não se deitou: sabia que o esperava uma longa noite. A lembrança do corpo dilacerado da filha lhe afugentaria o sono. O rugido do leão ecoaria dentro de si, rasgando-lhe as horas. Ficou um tempo na varanda a perscrutar o escuro. Talvez essa quietude lhe trouxesse repouso. Mas o silêncio é um ovo às avessas: a casca é dos outros, mas quem se quebra somos nós.

Uma dúvida o amargurava: como acontecera aquela tragédia? A filha teria saído de casa a meio da noite? E se assim acontecera, teria ela a intenção de pôr cobro à

vida? Ou, ao inverso, o leão invadira o espaço caseiro, em jeito mais de ladrão do que de fera?

De repente, o mundo inteiro se estilhaçou: furtivos passos riscaram o sossego do mato. O coração de Genito lhe cresceu mais do que o peito. Estava acontecendo aquilo que sempre sucede: os leões vinham comer os restos do dia anterior.

Inesperadamente, como se ficasse possesso, o homem desatou aos berros, enquanto corria em círculos:

— *Sei que estão aí, filhos do demónio! Mostrem-se, quero ver-vos sair do mato, vocês são vantumi va vanu!*

Da janela o vi nesse agitado delírio, reclamando contra os leões-pessoas, os *vantumi va vanu*. Inesperadamente, tombou desamparado como se lhe tivessem quebrado os joelhos. Ergueu o rosto lentamente e viu que escuras asas de morcego o abraçavam. Não se escutava um ruído, nem folha nem asa crepitavam por cima da sua cabeça. Genito Mpepe era pisteiro, sabia dos impercetíveis sinais da savana. Muitas vezes ele me dissera: só os humanos sabem do silêncio. Para os demais bichos, o mundo nunca está calado e até o crescer das ervas e o desabrochar das pétalas fazem um enorme barulho. No mato, os bichos vivem de ouvido. Era o que meu pai, naquele momento, invejava: ser um bicho. E, longe dos humanos, regressar à sua toca, adormecer sem pena nem culpa.

— *Eu sei que estão aí!*

Desta vez, as suas palavras já não carregavam raiva. Apenas a rouquidão lhe fazia murchar a voz. Repetindo os impropérios, retornou a casa para se refugiar no quarto. A mulher permanecia enroscada, estendida no

chão, tal como a havia deixado. Quando lhe ajeitou a manta, Hanifa Assulua, estremunhada, apertou com veemência o corpo do marido e exclamou:

— *Vamos fazer amor!*

— *Agora?*

— *Sim. Agora!*

— *Você está muito desencadeada, Hanifa. Não sabe o que está dizer.*

— *Recusa-me, marido? Não quer fazer um agorinha comigo?*

— *Você sabe que não podemos. Estamos de luto, a aldeia vai ficar suja.*

— *É isso que eu quero: sujar a aldeia, sujar o mundo.*

— *Hanifa, escute bem: o tempo vai passar, a gente vai esquecer. As pessoas esquecem até que estão vivas.*

— *Há muito que eu não vivo. Agora, já deixei de ser pessoa.*

Meu pai olhou-a, desconhecendo-a. A mulher nunca falara assim. Aliás, ela quase não falava. Sempre fora contida, guardada em sombra. Depois de morrerem as gémeas, ela deixou de pronunciar palavra. De tal modo que o marido, de vez em quando, lhe perguntava:

— *Você está viva, Hanifa Assulua?*

Não era, porém, a fala que era pouca. A vida, para ela, tornara-se um idioma estrangeiro. Mais uma vez, a esposa se preparava para essa ausência, pensou Genito, sem reparar que, no escuro, Hanifa se estava despindo. Já nua, ela o abraçou por trás e Genito Mpepe deixou-se sucumbir perante aquele aconchego de serpente. Parecia rendido quando, de supetão, sacudiu a mulher e se retirou com passo estugado para o pátio exterior. E logo desapareceu no escuro.